



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

Por um mundo mais Flicts

Tive um encontro tardio com *Flicts*, de Ziraldo. A cor rara, de poucos amigos, cativou-me logo de cara. Provavelmente, em algum momento da infância, devo ter me deparado com o frágil, feio e aflito Flicts. É assim, entre alterações e tantas outras figuras de linguagem que o desenhista, escritor, cartunista descreve o protagonista dessa história.

Confesso: precisei conter a emoção para não deixar cair uma lágrima à medida que as páginas passavam e a história de rejeição, preconceito e solidão de Flicts se desvelava. Estava na hora do soninho e já é tradição lá em casa ler um livrinho curto antes de dormir. Esse, em especial, é até mais longo do que geralmente selecionamos, mas sabíamos que valeria a pena.

Para quem não conhece *Flicts* recomendo fortemente que vá em busca da obra, atemporal e adequada a qualquer idade. É uma viagem visual, uma brincadeira com tipos, formas, cores e palavras, sem as ilustrações mais realistas que nos

acostumamos a ver assinadas por Ziraldo. Ou seja, mesmo as crianças que ainda não sabem ler nem entendem bem as palavras, podem se fascinar.

A história de Flicts é a história da beleza por trás da rejeição. Quando a vi pela primeira vez, lembrei-me de uma descrição comum na minha infância, e que hoje me parece inadequada e preconceituosa, a tal “cor de burro quando fogue”. Talvez para desconstruir essa visão enviesada, Ziraldo tenha escolhido logo o Flicts para retratar nessa jornada em busca de um lugar para colorir.

E que bela forma de contar o périplo.

Vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, azul-anil, violeta... Nenhuma cor do nobre arco-íris quis saber do pobre Flicts, e o deixaram de fora da brincadeira, imerso em sua “branca solidão”. “Será que eu posso ter um cantinho ou uma faixa em escudo ou brasão, em bandeira ou estandarte?”, indagou. E correu o mundo sem achar o seu lugar. “Nada no mundo é Flicts, ou pelo menos quer ser”, contou o narrador.

“Um dia, Flicts parou, e parou de procurar.” Pobre Flicts. “Sumiu que o olhar mais agudo não podia adivinhar para onde tinha ido, para onde tinha fugido, em que lugar

se escondera, o frágil, e feio, e aflito Flicts.” A edição que temos em casa é de 2019, comemorativa dos 50 anos do livro, que encontramos na Travessa. Penso no bem e na libertação que se ver representado nesse texto e nessas ilustrações sensíveis pode fazer a tanta gente. Criança, adolescente, adulto. Referências importam.

E, correndo o risco de dar um pequeno spoiler, mas com a singela intenção de incentivar a leitura e aguçar ainda mais a curiosidade, lembro que ninguém menos que Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar na Lua, atestou, após conversa com Ziraldo no Rio Janeiro: “A Lua é Flicts”.

INCLUSÃO SOCIAL

Uma vida em busca de sonhos

DF e Entorno têm cerca de 10,5 mil pessoas com síndrome de Down. Programa do GDF atende 2 mil pacientes

» ANA ISABEL MANSUR

São raros os casos em que possuir algo em maior quantidade é negativo. Com a síndrome de Down — quando o indivíduo tem um cromossomo a mais do que os 46 comuns à espécie humana — não é diferente. Longe de ser uma doença, a síndrome é uma condição genética que pode causar alterações em alguns aspectos da saúde. Em celebração ao Dia Mundial da Síndrome de Down, comemorado hoje, o *Correio* traz algumas histórias para homenagear as cerca de 10,5 mil pessoas do Distrito Federal e do Entorno que têm a condição, segundo a Secretaria de Saúde (SES-DF).

Da necessidade de discutir os direitos das pessoas com deficiência, nasceu, em 2007, a Associação DFDown. A atual presidente do grupo, Melina Sales, explica que os encontros começaram também com o objetivo de dividir e trocar experiências. “A associação atua na vigilância da manutenção de direitos conquistados e na busca por melhores atendimentos e políticas públicas para pessoas com deficiência, em especial com síndrome de Down”, explica a responsável pela DFDown, que completa 15 anos de atuação em maio. “Também trabalhamos esclarecendo sobre os direitos das pessoas com deficiência e fazendo o acolhimento de novas famílias”, continua Melina, associada ao grupo há cinco anos.

A presidente destaca que as mães são as participantes com maior predominância na DFDown. A aposentada Heraide Leão é uma delas. A moradora do Guarará é mãe de Gustavo Garcia, 22 anos, e a família faz parte do grupo há 10 anos. Desde o início deste ano, o jovem assumiu o cargo de diretor de relações humanas na DFDown. “Ele não foi em nenhuma reunião presencial, para não se expor, devido à covid-19, mas participa dos encontros virtuais. Ele gosta muito, é bem empregado e se sente valorizado por ser diretor”, conta Heraide.

Ânimo

A empolgação de Gustavo se estende a outras atividades. Aluno de teatro há 10 anos, ele começou a fazer, neste ano, aulas de canto e teclado e um curso de operador

de computador, no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). Antes da pandemia, Gustavo também ia a uma escola técnica de computação gráfica, mas os encontros foram suspensos por conta da crise sanitária. “Estou achando muito divertido. Já fiz oito aulas de teclado e estou tocando várias músicas”, anima-se o rapaz, que também faz aulas de dança. Dedicado, Gustavo participou da montagem de grandes peças teatrais, como *Alice no País das Maravilhas*, em que fez o Gato; *O Auto da Compadecida*, em que interpretou Jesus; e o musical *A Ópera do Malandro*, quando atuou como o juiz da trama.

“Gosto muito de ler *Harry Potter*, assistir filmes e séries. Terminei de ver *Cobra Kai* (séria da Netflix), agora tenho de esperar para lançar a quinta temporada”, comenta Gustavo, que também curte dançar valsa com a namorada, Bruna Mandarino, 26, e escutar funk. “Fico ouvindo (funk) o tempo todo no celular. Gosto também de pop e sertanejo”, completa. Além do gosto pela dança, o casal compartilha o apreço pelos estudos. Bruna, que namora com Gustavo há três anos, foi aprovada, por meio da nota no último Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), no curso de licenciatura em dança do Instituto Federal de Brasília (IFB). As aulas começam em 4 de abril. “Ela gosta muito de dançar, já fez aula de fit dance e de dança de salão. Está muito animada”, conta a mãe, a enfermeira Lídia Mandarin, 60.

A moradora de Sobradinho, que se formou no ensino médio em 2018, participa do Programa de Conservação de Bens Culturais da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae-DF), uma oficina profissionalizante de restauração de livros. Por meio da iniciativa, Bruna trabalhou como técnica em conservação de bens culturais em órgãos públicos, além de ter sido Jovem Aprendiz da Caixa Econômica Federal por dois anos. Com o próprio dinheiro, fica mais fácil para Bruna fazer outra atividade que adora: viajar. “A última que fiz foi para o Jalapão (TO). É lindo, gostei muito”, conta a estudante, que ama comer guacamole, lasanha e batata. “A parte que eu gosto, mesmo, é comer, cozinhar não é comigo, não”, diverte-se. “Às vezes, eu gosto de fazer brigadeiro de panela. Todo mundo da minha

Bárbara Cabral/Esp.CB/DA.Press



Gustavo Garcia gosta de teatro, canto e teclado. Neste ano, começou a aprender informática

Arquivo pessoal



Marcelo Dias fez curso para garçom e conquistou o emprego que queria no McDonald's

família cozinha, menos eu”, relata.

Juntos, Bruna e Gustavo também curtem assistir futebol, ir ao cinema, passear em shoppings, conversar pelo celular e ir para as festas da DFDown. “Gosto muito de sair com o Gustavo, me sinto muito bem quando o vejo e quando estou

com ele”, declara-se Bruna.

Sonho

A ambição profissional é uma característica marcante na vida de Marcelo Gama Dias, 38. Desde os 11 anos, ele queria trabalhar no

McDonald's, de onde era cliente frequente com a família. O passeio à lanchonete era um dos favoritos de Marcelo, que, anos depois, teve a oportunidade de fazer um curso de garçom no Senac e ser treinado na Câmara dos Deputados. Helenice Gama Dias de Lima, mãe do rapaz,

Para saber mais

Data comemorativa

O Dia Mundial da Síndrome de Down é celebrado em 21 de março desde 2012, após reconhecimento oficial da Organização das Nações Unidas (ONU). Com foco na consciência global, o objetivo do dia é garantir que as pessoas com a síndrome de Down tenham as mesmas liberdades e oportunidades que os demais indivíduos. A data escolhida representa a triplicação (trissomia) do 21º cromossomo, que causa a síndrome.

Atendimento

A Secretaria de Saúde do DF mantém o Centro de Referência Interdisciplinar em Síndrome de Down (CrisDown) desde 2013, no Hospital Regional da Asa Norte (Hran). O programa atende e acompanha, hoje, 1.943 pacientes com síndrome de Down na rede pública, com equipe de psicólogos, nutricionistas, neuropediatras, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, assistentes sociais, pediatras e cardiopediatras. Para ser atendido, é preciso entrar em contato por WhatsApp (99448-0691) e agendar um acolhimento, que ocorre sempre às sextas-feiras.

não mediu esforços para realizar o desejo do filho e, em 2019, com ajuda da área de recursos humanos do McDonald's, o sonho tornou-se realidade: Marcelo começou a trabalhar na unidade da 405 Sul.

Com o emprego, ele pôde tirar a carteira de trabalho, abrir a primeira conta bancária e ter o próprio cartão de crédito, realizando mais um sonho: ser independente e se sentir adulto. A dificuldade de Marcelo para se comunicar não o impediu de se desenvolver e realizar os sonhos. A mãe não esconde o orgulho que sente do filho. “O McDonald's tem um respeito incrível e um carinho enorme com o Marcelo. É no trabalho que ele se desenvolve mais e mais a cada dia”, comenta Helenice, moradora da Asa Sul.

Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 20 de março de 2022

» CAMPO DA ESPERANÇA

Almerinda de Oliveira Pereira, 85 anos
Anasuya Silva Janjeva Cabral, 48 anos
Argentina Maria Barreto Gonçalves, 89 anos
Carminda Luz, 94 anos
Eva Martin da Silva Vieira, 76 anos
Iago Victor dos Santos, 26 anos
Jairo Moreira do Espírito Santo, 33 anos

João Miranda Petti, 86 anos
João Nunes da Cruz, 96 anos
José Luiz Gomes, 74 anos
Julio Cesar Lopes, 46 anos
Paulina de Melo Macedo, 90 anos
Paulo Roberto Cirilo Gentil, 78 anos
Raimundo Nonato Soares da Silva, 73 anos
Suze Moreira Fischer, 90 anos
Tiago Nunes de Souza, 93 anos

» TAGUATINGA

Ana Rodrigues do Vale Ferreira, 55 anos
José Alves Soares, 93 anos
Liz da Costa Andrade, menos de um ano
Matheus de Souza Duarte, 1 ano
Saul Guimarães, 84 anos

» GAMA

Gervázio Alves Moises, 59 anos

» PLANALTINA

Carlos Juvêncio Souza Vieira, 33 anos

Marcos Santos da Silva, 38 anos
Maria da Conceição Almeida Guimarães, 81 anos

» BRAZLÂNDIA

Doralice Paulina Ângelo, 87 anos

» JARDIM METROPOLITANO (cremação)

Zaida Lins de Lima, 81 anos
Marilyn Macedo dos Santos, 86 anos
Terezinha Maria da Silva, 72 anos
Mirian Garcia Duarte, 80 anos

CPRM
Serviço Geológico do Brasil
CNPJ: 00091652/0001-89

MINISTÉRIO DE
MINAS E ENERGIA

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral
Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais - CPRM

AVISO AOS ACIONISTAS

Acham-se à disposição dos Srs. Acionistas da COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS - CPRM, em sua Sede, localizada no Setor Bancário Norte - SBN, Quadra 02, Asa Norte, Bloco H, Edifício Central Brasília, Brasília - DF, os documentos a que se refere o artigo 133 da Lei nº 6.404/76, de 15 de dezembro de 1976, relativos ao exercício de 2021.

Brasília, 18 de março de 2022
LILIA MASCARENHAS SANT'AGOSTINO
Presidente do Conselho de Administração